ZH ZERO HORA

Publicado em 09/12/2022 - 05:54

Passo firme rumo à semifinal

HORA DO SHOW

SEXTA É DIA DE BAILE

BRASIL ENFRENTA HOJE A CROÁCIA, ÀS 12H, PELAS QUARTAS DE FINAL DA COPA DO MUNDO, TENTANDO MANTER VIVO O SONHO DO HEXA

Craque Neymar é a esperança brasileira para, enfim, vencer um adversário europeu em jogos decisivos de Mundiais

LEONARDO OLIVEIRA
leonardo.oliveira@zerohora.com.br
De Doha

Será uma sexta-feira com hora apenas para começar. Só Alá, aqui no deserto, sabe quando e como o dia vai terminar. Esperamos que seja em verde e amarelo, com carnaval em Doha e apoteose do Oiapoque ao Chuí. A partir das 12h, o Brasil enfrenta a Croácia e os seus traumas no Estádio Cidade da Educação, uma arena em formato de diamante e iluminada como são os sonhos de todo um país tropical, quente como o verão aqui no Oriente Médio. É inadiável: ou vencemos ou voltamos para casa. O funil da Copa do Mundo no Catar se estreitou e não há desvios.

Há um frio que percorre a espinha dos brasileiros. Faz cinco Copas que voltamos mais cedo do que o esperado, sempre pelas mãos de europeus. Uma geração inteira desconhece o mundo depois de encontros com eles em decisões.

Nessa geração, incluem-se alguns dos nossos principais nomes do momento. Vini Jr. e Antony tinham dois anos em 2002. Rodrygo, um. Paquetá, Richarlison e Raphinha, cinco. Martinelli recém tinha feito aniversário de um ano quando o Brasil ganhou o penta, a última vez que vimos o que há do outro lado desse muro psicológico que nos atormenta.

Há um otimismo de que essa sina desaparecerá no sextou mais trepidante dos últimos tempos, com sessão dupla de Brasil e Argentina. Muito por esses guris que enchem de vida, alegria e pagode o ambiente da Seleção. Eles têm a leveza de quem não sofreu ainda uma grande desilusão amorosa. Como foi aquela noite de julho de 2018, em Kazan. Como doeu perder para a Bélgica e voltar mais cedo. Só que esses guris, que são a alma do Brasil, não têm nada a ver com isso. Chegaram depois, há pouco. O que é um alento.

É essa mesma alegria que pauta o comportamento da torcida brasileira em Doha. Há uma conexão forte entre arquibancada e Seleção. Os torcedores entoam cânticos e pulam como se estivessem empurrando seus times nos estádios do país. Os jogadores repetem as músicas e entram batucando e cantando no vestiário, no treino, no hotel ou até mesmo trinchando cortes de carne folheada a ouro.

Alquimia

Há uma alquimia que faz diferença e se alastra pelos pontos turísticos aqui de Doha. O Souq Waqif, o mercado persa repaginado nesta onda de construção do país, efervesce com o calor humano dos brasileiros. Árabes, indianos, nepaleses e cingaleses olham impressionados de suas lojas, que vendem desde os temperos que estimularam as navegações do século 16 às quinquilharias saídas da China.

As mulheres, vestidas com as abayas pretas e a sheyla a cobrir cabelo e rosto, puxam smartphones da bolsa e filmam. As crianças tentam imitar os passos, com a inocência de quem está vendo o mundo pela primeira vez. Todos se impressionam, ninguém passa ileso a um grupo de brasileiros com as camisas que levam no peito as cinco estrelas mais pesadas do futebol mundial.

Na verdade, a impressão é de que tudo aqui neste deserto está sendo visto pela primeira vez. Há 15 anos, Doha era uma cidade de prédios baixos, comércio de calçada e, acreditem, ruas cujo piso era a areia do deserto. Tudo se transformou em uma aceleração vertiginosa. Espigões de arquitetura arrojada, autopistas de asfalto impecável que mais parecem as autobans alemãs, shoppings com grifes famosas e carros de luxo, como os Aston Martin de James Bond, compõem a paisagem.

O país quer conquistar o mundo. Assim como a Seleção quer o Mundial. Há um paralelo entre esse nosso Brasil e o Catar novo em folha. Temos uma Seleção jovem, com diamantes que fariam qualquer torcida no mundo suspirar, e nomes tarimbados, com história longa no campo igual à história dos Al Thani, os manda-chuvas desta parte do planeta há 150 anos.

É essa alquimia que nos faz acreditar em uma vitória nesta noite no Estádio Cidade da Educação, de um time responsável – como são Alisson, Thiago Silva e Casemiro – e irreverente – como são Vini Jr., Neymar e Richarlison, o dono da dança do Pombo, que é muito a cara desta Seleção.

Se até Tite, o técnico sisudo, caiu na dança brasileira em Doha, não seremos nós que ficaremos contidos. Ainda mais neste sextou com cara de banquete. Um sextou que tem hora para começar. E só Alá sabe quando termina.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Copyright © Clipclap 2025.